UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

DESAFIOS ENFRENTADOS POR ALGUNS ALUNOS AO TÉRMINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DIANTE DAS PRESSÕES SOCIAIS

AMITAL AMINADAB SANTOS BRITO

Caruaru – PE
2017

AMITAL AMINADAB SANTOS BRITO

DESAFIOS ENFRENTADOS POR ALGUNS ALUNOS AO TÉRMINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DIANTE DAS PRESSÕES SOCIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso submetidos à Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Licenciado em Matemática sob a orientação da professora Dra. Simone Moura Queiroz.

Caruaru – PE

2017

Catalogação na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier CRB/4 - 1242

B862d Brito, Amital Aminadab Santos.
Desafios enfrentados por alguns alunos ao término da educação básica diante das pressões. / Amital Aminadab Santos Brito. – 2017.
48f. ; il. : 30 cm.

Orientadora: Simone Moura Queiroz.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, licenciatura em Matemática, 2017.
Inclui Referências.

1. Ensino médio. 2. Subjetividade. 3. Pressão social. 4. Escolha profissional. I. Queiroz, Simone Moura (Orientadora). II. Título.

371.12 CDD (23. ed.) UFPE (CAA 2017-429)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Centro Acadêmico do Agreste
Núcleo de Formação Docente
Curso de Matemática - Licenciatura

DESAFIOS ENFRENTADOS POR ALGUNS ALUNOS AO TÉRMINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DIANTE DAS PRESSÕES SOCIAIS

AMITAL AMINADAB SANTOS BRITO

Monografia submetida ao Corpo Docente do Curso de Matemática – Licenciatura do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco e Aprovada em 11 de Julho de 2017.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Simone Moura Queiroz
(Orientadora)

_____

Prof. Daniela Moura Queiroz
(Examinador (a) Externo (a))

_____

Prof. Girleide Tôrres Lemos
(Examinador (a) Externo (a))

Dedico este trabalho aos meus pais Maria Corina e Valderedo e a minha filha Lara Valentina.

AGRADECIMENTO

Em primeiro momento minha gratidão ao Pai eterno, meu refúgio em todos os momentos de aflições e alegrias. A Deus Pai todo poderoso que mesmo com meus defeitos e falhas humanas, sempre está ao meu lado me dando força para continuar e iluminando meu caminhar e me orientando nas estrada de luz.

Aos meus pais, Maria Corina e Valderedo, que são minha base, há quem devo tudo que sou e tenho, que me educaram e ajudaram a formar minha personalidade e caráter. As minhas irmãs, Apolyxena, Abisag e Abigail, que são verdadeiras amigas, confidentes e conselheiras. A minha filha, Lara Valentina, que me fez e faz sentir a cada dia o mais puro amor. Amo todos vocês e sei que esse amor é reciproco.

Aos que entraram na minha vida como bons e grandes amigos, Brenda, Antônio e Jairo. Obrigada pelas horas e horas que vocês aguentaram minhas doideiras.

A minha ilustre orientadora Drª Simone Queiroz, que sou grata pelas horas de conversas e orientações. Por aguenta minhas neuras, e responder todas as minhas mensagens enviadas a qualquer hora do dia. Sempre se pondo a disposição para me auxiliar no que fosse preciso, meus sinceros agradecimento.

Por fim, a todo corpo docente da UFPE/CAA que de alguma forma de ajudaram em minha formação.

RESUMO

Durante o processo de escolha, no termino do Ensino Médio, onde os estudantes, tomaram uma decisão sobre o que fazer, após essa fase, vários sentimentos entram em jogo, medo, duvidas, insegurança, sonhos, família, pois essa escolha influenciara sua vida futura. Portanto a presente pesquisa teve como objetivo acarretar os desafios enfrentados pelos estudantes do 3º ano do Ensino Médio, sobre as influências e pressões sociais. Assim buscamos coletar informações de uma escola da rede estadual na cidade de Caruaru, desenvolvemos um questionário com os estudantes, para evidenciar porque escolhem tais cursos, tais profissões ou não sabem o que fazer. Esse trabalho vem na proposta de colocar em discursão como nossos estudantes são subjetivados pelo um sistema capitalista e consumista, onde lançam sobre eles caminhos que não os agradam, acabam tomando decisões que os frustraram futuramente. Uma sociedade controladora em um mundo líquido vive constantemente sobre pressões sócias de uma profissão de "sucesso". Abordando também as subjetividades envolvidas nas avaliações por escalas. O que se evidência nos resultados da pesquisa é que a maior parte dos estudantes já realizou sua escolha, o ensino superior. Sendo que grande parte deles tem a influência da família, de pessoas que admiram e da sociedade capitalista. Ainda, nas respostas dos estudantes observa-se a preocupação do ingresso no mercado de trabalho. Acredita-se na importância da pesquisa por se tratar de um tema enfrentado pelos estudantes atualmente que está envolvido nos fatores sociais, econômicos que se relacionam no processo da escolha.

Palavras-chave: Ensino médio; Hiperativismo sócio-virtual; Subjetividade; Escolhas; Mundo Líquido.

ABSTRACT

During the process of choosing, at the end of High School, where students made a decision about what to do, after this phase, various feelings come into play, fear, doubt, insecurity, dreams, family, because that choice would influence their life Future. Therefore, the present research had as objective to carry out the challenges faced by the students of the 3rd year of High School, about the influences and social pressures. Thus we seek to collect information from a state school in the city of Caruaru, we have developed a questionnaire with the students to show why they choose such courses, such professions or do not know what to do. This work comes in the proposal of putting into discursion how our students are subjectivated by a capitalist and consumerist system, where they throw paths on them that do not please them, end up making decisions that frustrate them in the future. A controlling society in a liquid world constantly lives on the pressures of a "successful" profession. Also approaching the subjectivities involved in the scales evaluation. What stands out in the results of the research is that most of the students have already made their choice, higher education. Most of them are influenced by the family, the people they admire, and capitalist society. Still, in the students' responses, there is the concern of entering the labor market. It is believed that research is important because it is an issue faced by students today that is involved in the social and economic factors that are related to the process of choice.

Keywords: High school; Socio-virtual hyperopicism; Subjectivity; Choices; Liquid World.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O mundo com as tecnologias digitais. 15
Figura 2: Sala de ciências do Colégio Caetano de Campos na Praça da República em 1901. 18
Figura 3: Sala de aula em Caruaru - PE, 2017. 18
Figura 4: Avaliação 28
Figura 5: O aluno como mercadoria do sistema capitalista. 31
Figura 6: O lucro educacional. 32
Figura 7: Disciplinas mais interessantes. 38
Figura 8: Classificação de atividades fora da escola. 39
Figura 9: Pretensão do que fazer ao terminar o Ensino Médio. 40
Figura 10: Preferência no curso superior. 41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10

2 A IMAGEM DO HIPERATIVISMO SÓCIO-VIRTUAL NA ESCOLA 13

2.1 Os professores do século XX e os alunos do século XXI 17

2.2 A identidade do estudante: Subjetividade e desejo 21

2.3 A sociedade do controle e o mundo líquido..... 24

3 A AVALIAÇÃO POR ESCALA E A ESCOLHA PROFISSIONAL..... 26

3.1 Pressões do sistema capitalista no desafio das escolhas pela profissão..... 30

4 METODOLOGIA..... 35

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS 37

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 43

REFERÊNCIAS 45

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo investigar os desafios enfrentados por um grupo de estudantes do 3º ano do Ensino Médio, de uma escola do município de Caruaru/PE, diante das pressões sociais, relacionados as suas escolhas profissionais.

A pesquisa se justifica pela necessidade de uma reflexão da escola e de todos envolvidos que as influências estabelecidas nas relações das escolhas dos estudantes interferem em suas decisões. O que nota-se é que desde nosso ensino médio até os dias atuais a realidade não mudou, os estudantes enfrentam essa fase com incertezas, duvidas e acabam sendo instigados a tomarem decisões que não são de desejos mas segue o que a sociedade impõe para eles.

Diante disso, objetivando promover uma discussão iniciaremos com uma fundamentação teórica, partindo do auxílio de principais autores, tais como, Foucault abordando o cuidado de si e o efeito das instituições reguladoras na sociedade; Rolnik e suas contribuições sobre a globalização e o desejo; Larossa e a fundamentação da experiência para a formação do indivíduo e Bauman sobre a sociedade líquida em que estamos inseridos, com a influência do capitalismo.

No primeiro capitulo abordaremos a imagem do hiperativismo sócio-virtual (QUEIROZ, 2016), com os avanços tecnológicos digitais no comando dos jovens na escola. Como os professores que vivem em um momento histórico ultrapassados, estão lidando com esses alunos, diante de tanto avanço, assim também como a subjetivação e o desejo na construção da identidade dos estudantes e o controle existente na sociedade líquida. No segundo capitulo vem trazer a avaliação por escala e sua forma de segregação da sociedade capitalista que vem separar os estudantes por níveis de classificação e as pressões vividas pelos estudantes, imposta pelo sistema na decisão profissional.

A pesquisa também será composta de dois momentos na apresentação e análise dos dados, obtidos através dos resultados do questionário. O primeiro momento refere-se a análise de uma parte do questionário que aborda as disciplinas mais interessantes para os estudantes, utilizando na observação o estudo dos fatores que desperta esse interesse, como também abordaremos as atividades que os alunos mais gostam de fazer quando não está na escola. No segundo momento da análise nós abordaremos a escolha dos estudantes após o Ensino Médio, diante de influências, relacionada com o desejo e admiração, contando com a interferência da família e da sociedade que se está inserida.

Nossa pesquisa busca refletir sobre a seguinte questão: Quais os fatores influenciadores, que interferem nas escolhas dos estudantes, quando são separados em suas tomadas de decisões após o ensino médio?

O Ensino Médio, etapa final da educação básica no Brasil, é um dos alvos desse trabalho, com discussões importantes, principalmente sobre as decisões relacionadas ao futuro profissional dos estudantes.

Nesse período os estudantes se deparam com os desafios de escolherem uma profissão, um curso superior, um emprego. E as perguntas frequentes nessa faixa são: “Qual o curso devo optar?”, “O que vou fazer quando terminar o ensino médio?” ou “Qual carreira devo seguir?”.

É nesse ponto crucial da vida, que a educação, a escola e os professores, revela sua importância para os estudantes. A escola é o processo de facilitar o momento da escolha, pois deve auxiliar o indivíduo na sua tomada de decisão, não influenciando, mas orientando para que seja um processo de autoconhecimento e de responsabilidade do sujeito de sua própria decisão. A decisão por parte dos educandos será abordada considerando a influência da família e do sistema capitalista.

O momento desta escolha coincide com a busca de nossa própria identidade, somos subjetivados, temos desejos e sonhos de determinada profissão. Portanto, discutiremos os processos que permeiam as decisões bem como os fatores que influência nesta escolha, permitindo aos estudantes refletirem sobre essas questões com um olhar crítico.

Entendendo que os estudantes são parte de um processo familiar e social, toda escolha alicerçada em um conflito ou percurso diferente do grupo familiar e/ou social, trará um mundo de objeção, falta de liberdade e ao mesmo tempo, preso em uma sociedade controladora e líquida, em que o capitalismo cria “perfil” de felicidade que as pessoas tendem a seguir, sem ao menos saber que está sendo subjetivados pelo sistema, não sabem ir de encontro, pois assume como verdade.

A pesquisa traz a reflexão sobre a influência explicita e implícita do contexto familiar e social, através da intervenção feita no 3º ano do ensino médio de uma escola da rede estadual de ensino público na cidade de Caruaru, em que foi aplicado um questionário para esses estudantes. Servindo como base para o estudo da pesquisa. Trará informações a respeito da influência também do capitalismo e as dificuldades atuais no mercado de trabalho.

Os estudantes nessa fase se deparam com as inúmeras mudanças, entre as quais o ingresso no mundo adulto. E nele um mundo de tensão e contradições, de anseio por liberdade e vivem a ilusão sobre sua identidade. Por isso a escola surge para orientar essas dificuldades, ajudar os estudantes a escolherem e se prepararem para enfrentar uma ocupação no meio social.

Nas últimas décadas, aconteceram reformas no Ensino Médio público no Brasil, a oferta de acesso a esse nível de ensino aumentou. Esse fato pode significar que o estudante terá maior oportunidade e chance de ingressar no mercado de trabalho e uma maior oportunidade de ingressar no ensino superior. No entanto, entre a escolha profissional, e a efetivação dessa escolha, existe um caminho repleto de fatores que interferem na realização do curso ou profissão desejada. Além dos citados anteriormente, as escolhas dos estudantes são colocadas em segundo plano, tendo como elemento a necessidade de trabalhar, a falta de recurso para pagar um curso pré-vestibular ou uma faculdade, fator que impossibilita a concorrência com alunos oriundos de classes econômicas favorecidas, com isso, existe um peso decisivo na concretização de suas escolhas.

Refletindo sobre as afirmações já citadas, a presente pesquisa visa investigar a escolha dos estudantes diante das pressões sociais, que inclui a família, o sistema capitalista, o desejo do estudante e a incompatibilidades existentes a partir de tal escolha. Com isso, temos como objetivo geral analisar os desafios e concepções de um grupo de estudantes do 3º ano do Ensino Médio, diante das pressões sociais, na escolha de sua profissão. Buscando em meio a isto: Verificar alguns processos de subjetivação dos estudantes na construção de sua identidade; Identificando os critérios estabelecidos pelos estudantes utilizados nas escolhas profissionais; Traçar paralelos entre o Mundo Líquido, Sistema Capitalista, Sociedade de Controle e os alunos do século XXI.

Neste trabalho, buscaremos discutir também sobre alguns processos de subjetivação dos estudantes na construção de sua identidade, verificando os critérios que envolve as escolhas profissionais, assim como delinearmos os paralelos existente entre mundo líquido, sistema capitalista, sociedade de controle e estudantes do século XXI. Traremos a metodologia desenvolvida em nossa pesquisa, a apresentação e analise dos resultados e por fim nossas considerações finais.

2 A IMAGEM DO HIPERATIVISMO SÓCIO-VIRTUAL NA ESCOLA

As maneiras de como no mundo vem acontecendo progressivamente uma onda de tecnologias digitais que invadem nossos meios sociais e culturais, criou-se nos uma inquietação da qual trazemos uma discursão sobre a conjunção da cultura virtual na constituição dos sujeitos escolares na era da tecnologia digital. Tais invasores está relacionado com um conjunto de aparatos e artefatos – internet, GPS, painéis eletrônicos, *tablet, smartphones* e a imensa rede de sites de relacionamento que são o maior atrativo para os estudantes, vivendo em um mundo em que o hiperativismo sócio-virtual tem grande transparência, onde cada vez mais somos tomados por algo novo e sempre querem acompanhar.

Se percorrermos os corredores das escolas durante o intervalo, identificaremos um sugestivo repertório de termo recorrente em todo caminhar, estudantes com *smartphones*, *iphone*, *tablets*, observando os efeitos dessa cultura virtual manifestado na vida de cada estudante. O que se percebe são estudantes imersos nessa cultura, instigados pelas tecnologias digitais, ficando desencaixados do ambiente escolar, parecendo não fazer parte do local pedagógico. Podendo sugerir um estacionamento de questões interligadas ao convívio social. É difícil perceber em meio a tantos atrativos, rodas de amigos em conversas sobre suas vidas, seus namoros, suas escolhas, o que se ver são estudantes em grupo, mais cada um com seu aparelho mais moderno em outro espaço, podem estar até conversando entre si, mas virtualmente.

Em 2016, em entrevista à revista Pazes, o professor e historiador Leandro Karnal[1], afirmou que "o mundo está permeado pela televisão, pela internet, pelos jornais, pelas revistas, pelas músicas de sucesso. A escola e a sala de aula precisam dialogar com esse mundo." As escolas de modo geral, estão perdendo as transformações, estão ficando ultrapassadas. A era digital está acontecendo muito rápido e as instituições escolares estão ainda em suas estruturas formais, são apenas responsáveis em repassar conteúdo.

Não é necessário que a escola se transforme tecnologicamente, com aparelhos ultramodernos. A necessidade é aplicar um senso crítico. O caráter de transmissão automática de dados não permite a inovação, mas transformar e trazer as técnicas

[1] Link: http://www.revistapazes.com/dez-mandamentos-professor/

digitais para discursão, oportuniza aos alunos um pensamento autônomo, crítico, afim de se inserir na sociedade de forma ativa.

É fundamental a experiência para que o estudante seja tocado, transpassado para que se torne um ser humano capaz de participar da sociedade ativamente. Segundo Larrosa (2002) "é incapaz da experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre" (p. 25).

A educação precisa ser menos informativa, assim como afirma Larrosa (2002) a informação não deixa lugar para experiência. O saber com experiência recorre de práticas discursivas que constrói a identidade de cada sujeito. O saber sobre coisas é apenas um acumulo de informações. É como se a informação, o conhecimento e a aprendizagem fossem sinônimos.

Ainda sobre a perspectiva Larrosa (2002) aborda, "como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informações" (p. 22).

Nessa visão, o papel da escola continua tão importante quanto em outras épocas. O que acontece é que agora, ela precisa incentivar seus alunos a aprofundarem seus conhecimentos e façam conexões com tudo que está em sua volta, para que a experiência de fato aconteça, que sejam provocado pelo desejo de buscarem o novo e contextualizar com os saberes que a escola exterioriza.

Aprofundando a discussão sobre a imagem do Hiperativismo sócio-virtual (QUEIROZ, 2016), trazemos as reflexões sobre o sujeito-aluno. Quando se está no mundo virtual nunca estamos sós, essas palavras derivam de muitos usuários das tecnologias digitais em redes sociais, "nesse mundo on-line ninguém jamais fica fora ou distante; todos parecem constantemente ao alcance de um chamado – e mesmo que alguém por acaso, esteja dormindo há muitos outros a quem enviar mensagens" (BAUMAN, 2011, p. 13). E o tempo que deveria ser gasto consigo, torna-se uma vida superficial, não dando lugar ao cuidar de si, que pode consentir o conhecimento, o formar-se para enfrentar os desejos que arrebata (FOUCAULT, 2006). É o surgi da solidão, pois "fugindo da solidão, você deixa escapara chance de solitude: dessa sublime condição na qual a pessoa pode "juntar pensamentos", ponderar, refletir sobre eles, criar e, assim, dar sentido e substância à comunicação." (BAUMAN, 2011, p. 14).

Existe a necessidade de estarem vinte e quatro horas conectados, onde as atrações mudam de roupagens constantemente, em que Bauman (2011) descreve como

mundo líquido, "o que hoje parece correto e apropriado amanhã pode muito bem se tornar fútil, fantasioso ou lamentavelmente equivocado [...] devemos estar sempre prontos a mudar: todos precisam ser, como diz a palavra da moda, "flexíveis." (p.8)

Figura 1: O mundo com as tecnologias digitais.

Fonte: http://tirasnacionais.blogspot.com, acesso dia: 30/05/2017.

Essa é a liquidez abordada por Bauman, onde a sociedade cria a forma que se deseja passar para as outras pessoas. A sociedade conectada, ligada a alguma máquina digital que permite criar a aparência que se deseja ter, onde a informação não deixa lugar para a formação.

E nessa perspectiva, portanto, observamos a dispersão no processo de constituição da identidade do sujeito em meio ao hiperativismo sócio virtual no espaço escolar. O aluno que fica "preso" em um local em que não quer estar. São obrigados a ficarem pulando de disciplina em disciplina, em determinado espaço de tempo. "Nas escolas elementares, a divisão do tempo torna-se cada vez mais esmiuçante; as atividades são cercadas o mais possível por ordens a que se tem que responder imediatamente." (FOUCAULT, 2011, p. 176).

É como se estivessem confinados em um local frio e sem vida. A esse respeito, notamos que a escola funciona como um local disciplinar, no qual o objetivo é extrair do aluno a capacidade de aprender ou torna-lo apto para a sociedade. Para Foucault (2011) "Os processos de repartição disciplinar tinham seu lugar entre as técnicas contemporâneas de classificação e de enquadramento, e como eles ai introduziam o problema especifico dos indivíduos e das multiplicidades." (p. 181)

Dessa forma, encontramos diversos estudantes em que ambiente escolar não está preparado para toda essa hiperatividade sócio-virtual, e não sabe como trabalha-la em seus contextos. Os alunos então deixam de viver a experiência e não tem

consonâncias com suas ideias, são levados como manada, e muitas vezes tomam decisões que não são desejáveis, mas que são as que as outras pessoas jugam correta para eles, ou tornam-se frustrados em suas escolhas para o futuro.

2.1 Os professores do século XX e os alunos do século XXI

Durante bastante tempo, a escola foi o lugar de privilégio para o desempenho e aprendizado. Observando o contexto histórico, desde as primeiras intensões de escola no Brasil, com a Companhia de Jesus que se tratava das missões dos Jesuítas em catequisar os indígenas, difundindo a crença cristã. E em 1772 implantado o ensino público oficial no Brasil e em seguida com a reforma na primeira república, a formação de currículos unificados para o país, as separações das categorias de ensino por série.

O que se observa é que a escola seguia critérios externos à educação guiados por parâmetro políticos, ou seja, a forma de periodização levava a determinações econômicas. Cada etapa da educação era uma forma de capacitar o aluno para uma determinada função, qualificando para a próxima fase. Foucault (2011) apresenta a escola dos Gobelins, que se tratava de uma escola militar que capitalizava o tempo do indivíduo:

> Esse é o tempo disciplinar que se impõe pouco a pouco à prática pedagógica – especializado o tempo de formação e destacando-o do tempo adulto, do tempo do oficio adquirido; organizando diversos estágios separados uns dos outros por provas graduadas; determinando programas, que devem desenrolar-se cada um durante uma determinada fase, e que comportam exercícios de dificuldades crescentes; qualificando os indivíduos de acordo com a maneira como percorrem essas séries. (FOUCAULT, 2011, p. 184)

Hoje quase 300 anos depois, o panorama do ambiente escolar não mudou muito, mesmo com esses grandes passos históricos, o ambiente escola parece ter a mesma forma de décadas passadas, o mesmo modelo de escola citado por Foucault, apesar das reformas mais modernas na educação, o que se observar é a classificação de um ambiente onde o aluno será formado para tal, através da exposição de conteúdo, que cabe a ele absorve para adquirir o conhecimento exigido. A escola é um processo sistematizado de transmissão de conhecimento, apenas para atender a uma exigência de um sistema capitalista, que visa os valores econômicos.

É torna o corpo adaptado ao sistema, manipulando, moldando, treinando, tornando-o habilitado e com multiplicidades. É o que Foucault (2011) apresenta, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (p.163). Onde o sujeito que se encaixa na movimentação e gerência da economia do capitalismo no mundo globalizado.

Se observarmos a escola, o ambiente de sala de aula de décadas atrás, em 1901 representada na figura 2 e comparada a realidade do ano 2017, na figura 3, notamos que a formulação da mesma continua igualitária. É comum vermos salas com bancas enfileiradas, alunos em filas indianas, um padrão de formalidade. Nessa diferença de 116 anos, a educação já passou por grandes reformas, mas o que notamos e a mesma composição, mudando apenas as cores nas figuras abaixo.

Figura 2: Sala de ciências do Colégio Caetano de Campos na Praça da República em 1901.

Fonte: http://spempretoebranco.blogspot.com.br/2014_10_01_archive.html. Autor desconhecido

Figura 3: Sala de aula em Caruaru - PE, 2017.

Fonte: o autor

Foucault 2011 já apresentava esse padrão de formalidade, comparando a escola com as prisões. Desde o século XVII a XIX, examinava a formação das sociedades,

concentrando-se na formação do poder sobre a hierarquia que se produzia nas instituições, em formas repressivas (prisões) ou pedagógicas (escolas), onde não apenas em suas construções físicas, mas principalmente a construção e conversão dos indivíduos em corpo dóceis, úteis e disciplinados. A escola constituindo-se como um local onde produz sujeitos, discursos e práticas de disciplinas.

Partimos agora para o amplo debate que se desenvolve ao longo do tempo, sobre a formação de professores do ensino médio no Brasil, uma questão continua aparentemente longe de uma mudança: como lidar com professores do século XX e alunos do século XXI?

Os problemas atuais enfrentadas na educação é a incapacidade de suscitar interesse, de atração e de dialogo. O professor não é mais o grande portador de informação. A qualquer momento, hora e lugar as pessoas consegue as informações de forma rápida. Os alunos não sente a necessidade de ficarem horas e horas confinadas em uma sala de aula, se apenas há um click poderá descobrir e aprender o que lhe era omisso.

"A partir do século XX os professores começaram a sofrer uma desvalorização, conceituada como profissionalização ou proletarização, decorrentes dos regimes políticos autoritários que proporcionaram a perda de autonomia profissional dos professores." (MACHADO, 2009, p.36). E nessa linha, diante dessas limitações os docentes, sentem-se desmotivados, pois não existe reflexão sobre sua formação e sua profissão. Então fica a pergunta, como estamos formando esses professores para um século tão avançado em tecnologias e informações? Os professores estão sendo formados para dar aula no século XX, enquanto os alunos estão no século XXI.

Sobre o professor do século XX, como poderemos entender esse processo se não foi permitindo agregar em torno de uma concepção mínima na sua formação, aspectos que permita enfrentar a realidade do momento. O próprio sistema não permite que as escolas sigam no século XXI, aprisionando-as no século passada pela falta de investimentos para a chegada de informações, para motivações. Foucault (2011) apresenta a escola como "uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar." (p. 173). O professor precisa ser instruído a ajudar o aluno a lidar com essas redes de informações, instruindo a caminhar. A grande maioria das escolas não tem acesso à internet, laboratórios, tecnologias digitais, o único meio de informação acaba sendo o professor e a biblioteca.

Na sociedade em que estamos atualmente, vivemos uma democracia acelerada de conhecimento e de novas tecnologias digitais, isso desperta nos alunos a necessidade de querer aprender mais e mais a cada momento. Se de um lado buscam o que lhe interessa, do outro recursa qualquer forma de situação que não está nos seus interesses. Os alunos do século XXI se sentiriam mais instigados se aprendessem conteúdos que pudessem relacionar com seu dia a dia, e nas salas de aulas se sentem presos a conteúdos e aulas que muitas vezes não permite essa conexão. Conteúdos obsoletos. Levando-os a perceber que não precisam estar na escola para aprender, pois em casa com seus aparelhos modernos podem explorar o mundo de diversas formas. E nesse impasse está o professor do século XX, sem saber lidar com a situação; Alguns professores não sabem o que fazer para atrair a atenção desses alunos, pois não trabalharam isto em sua formação. E por outro lado, a escola que não possui nenhum recurso para sanar essa controvérsia.

Os professores precisam inserir suas aulas; no século XXI onde os alunos se encontram, como elementos insubstituíveis, na aprendizagem, e não só nela, como também no desenvolvimento de processos que atendam aos desafios na utilização dessas novas tecnologias nas escolas.

As transformações possíveis para essa conjuntura social que ocorre no ambiente escola, e principalmente na relação de sala de aula, professor e aluno, não depende de uma grande e global mudança de mentalidade, nem, da vontade de um professor transcendente, mas de alguém que se imponha, converse e comovas os alunos. Contra essa forma de barreira que exerce um poder totalitário, é preciso um contrapoder que resista as essa característica de separa o professor do século XX com os alunos do século XXI, oferecendo-lhes uma resistência em quebrar esses efeitos de difusão e suas sucessivas rupturas.

2.2 A identidade do estudante: Subjetividade e desejo

O embasamento que discutem as práticas pedagógicas no meio educacional têm nos levado a refletir sobre as opções oferecidas aos alunos para que se tenham possibilidades de construir e reconstruir os seus conhecimentos.

Sendo assim, podemos considerar como os estudantes se constitui como sujeito, argumentando sobre as práticas docentes atuais e traz a reflexão de como os estudantes veem o mundo e como estão inseridos numa cultura globalizada envolvida nos avanços tecnológicos.

A educação está essencialmente vinculada a essas constituições dos estudantes como sujeito. E isso só é possível quando a formação acontece em um meio social, só assim poderá desenvolver a sua consciência.

Em uma sala de aula, os estudantes constroem-se constantemente, o professor em seu exercício da função vincula informações correspondentes aos conceitos trabalhados nas disciplinas, que existem no contexto escolar, constituído assim acontecimentos explícitos e implícitos, criando situações que permite aos educandos refletirem e ocuparem seu espaço no meio social.

É fato que os estudantes constroem a todo o momento a percepção de sua identidade, de certa forma a escola ocupa uma participação significativa nesse processo, mas como a escola e mais preciso os professores, podem motivar e trazer essa relação de socialização para os estudantes que estão buscando construir e reconstruir sua identidade, baseando na nova cultura, a era tecnológica.

Hoje vivemos em uma sociedade completa de informações, a globalização e os avanços tecnológicos giram ao nosso redor, de forma crescente. A cada dia deparamos com novos meios de comunicação, aparelhos cada vez mais modernos e a facilidade de acesso fica apenas a um toque. Porém há um fator que prejudica a mesma tecnologia que junta as pessoas de forma virtual, também afasta a mesma de seus pensamentos, do cuidado de si, e de outras pessoas do convívio. E o grande papel da educação em meio a toda essa evolução é trazer para nossos alunos como utiliza-la, tendo sempre o cuidado da forma como utiliza não permitindo que sejam subjetivados ou agenciados tornando-os adeptos a perfis padrões impostos pela globalização. Rolnik (1996, p.1), afirma:

> [...] mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades, implica também na produção de kits de perfis padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a

> identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade.

É esse um processo recorrente na escola, um dos modelos de subjetivação para com os alunos. Queiroz (2015) aborda alguns modelos de subjetivação, um quando o sujeito não percebe que está sendo subjetivado, quando sabe mais não tem força para lutar contra, quando sabe e aceita e quando luta e rejeita qualquer tipo de subjetivação. A escola perdeu a força de uma subjetivação, os alunos não se sentem agenciados em está nela e buscam rotas diferentes, o estudante perdeu o desejo de estar na escola (QUEIROZ, 2015).

> Consiste no movimento de afetos e de simulação desses afetos em certas máscaras, movimento gerado no encontro dos corpos (...) consiste também num movimento contínuo de desencantamento, no qual, ao surgirem novos afetos, efeito de novos encontros, certas máscaras tornam-se obsoletas; movimentos de quebra de feitiço; afetos que não existem e máscaras que já perderam o sentido. (ROLNIK, 2006 p. 36)

A escola perdeu o sentido para os alunos. Nesse efeito da globalização de novas tecnologias são criadas "identidades globalizadas flexíveis" (ROLNIK, 1996, p.26) São formas de subjetivação que se formam e se desfazem conforme as mudanças na orbitas desses efeitos, "mesmo que tenhamos o desejo de agradar o outro, permitindo-nos ser subjetivados por eles, deixando-nos aprisionar, isso continua sendo um agenciamento, pois permanecemos por nossa vontade, pelo nosso desejo, podendo nos ausentar quando não mais desejar." (QUEIROZ, 2016, p.2)

O desejo é algo disciplinar que se constrói nos infinitos campos de subjetivação, que se moldam nos diferentes meios sociais. Rolnik (1996) apresenta esse desejo se conectasse a novos agenciamentos a ter criar uma forma desejável, mais não pronta,

> O desejo aparece como algo flúor, meio nebuloso, meio desorganizado, espécie de força bruta que precisa estar passando pelas malhas do simbólico e da castração segundo a psicanalise, ou pelas malhas de algum tipo de organização de centralismo democrático [...] Poder-se-ia enumerar uma infinidade de tipos de modelização que se propõem cada um em seu campo, a disciplinar o desejo. (p. 215)

O estudante, nessa perspectiva, não se estabiliza de maneira definitiva. Constrói-se à medida que as forças externas, das influências sociais, e principalmente dos perfis das novas tecnologias, afetando-o. O que não se pode é a escola assumir o sujeito como uma entidade pronta, mas que se constrói a parir do momento em que vai

de encontro com essas forças, atribuindo-lhes uma forma contingente, à medida que admite ser subjetivado desejantemente.

2.3 A sociedade do controle e o mundo líquido

A sociedade passou por vários processos de elaboração do conhecimento sobre o mundo que o cerca e sobre si mesma. A identificação do papel do sujeito surge com a alternativa teórica para a compreensão da relação do homem com o mundo. Mas mesmo descoberto o papel do sujeito na sociedade, tentar-se "controlá-lo" para que se alcance "neutralidade" e "equilíbrio social".

Partimos dos conceitos e significados das palavras sociedade e controle. Segundo o dicionário, "sociedade é a união de pessoas ligadas por ideias ou por algum interesse em comum" e a palavra "controle é ter sob seu domínio sob sua vigilância".

Estamos numa sociedade em que constantemente somos passados por correntes que nos atravessam. Essas correntes nós podemos classifica-las como crises, sendo elas uma forma de confinamento. Vivemos com a necessidade de sermos felizes o tempo todo e quando não estamos, entramos em crise. E quando mais tentamos mais nos frustramos e quando nos frustramos por não conseguir a felicidade ficamos tristes. Então só temos uma coisa a fazer: consumir e buscar a felicidade. (BAUMAN, 2001). Os padrões que são impostos pela sociedade. Padrões de beleza, padrões sociais, somos vigiados o tempo todo, agimos de acordo com o padrão que se diz o "correto".

> Viver em um mundo cheio de oportunidades – cada uma mais apetitosa e atraente que a anterior, cada uma "compensando a anterior, e preparando o terreno para a mudança para a seguinte" –[...] Nesse mundo poucas coisa são predeterminadas, e menos ainda irrevogáveis. [...] Para que as possibilidades continuem infinitas, nenhuma deve ser capaz de petrificar-se em validade para sempre. Melhor que permaneçam líquidas e fluidas e tenham "data de validade", caso contrário poderiam excluir as oportunidades remanescentes e abortar o embrião das próximas aventuras. (BAUMAN, 2001, p.74)

Bauman (2001) aborda os líderes e os conselhos. A diferença entre elas, é que os líderes agem como intermédio entre o bem individual e o "bem de todos" e os conselheiros conta com a boa vontade dos outros de ouvir e tem o cuidado de não pisar fora da área fechada do privado.

Vivemos em um mundo de conselhos onde o "nós" em forma de grupo, não se encaixa, as pessoas estão cada vez mais isoladas, mais individualizadas. Os conselheiros são perfis padrões que devem assumir um resultado pronto e acabado para determinado assunto, como se tudo fosse igual. Um exemplo é a infelicidade, quando se adota um padrão para esse sentimento, "o número de pessoas que se sentem "infelizes" é maior que o dos que conseguem indicar e identificar as causas de sua infelicidade. O

sentimento de “estar infeliz” é muitas vezes difuso e solto; [...] tornar o igualmente vago desejo de felicidade uma tarefa especifica.” (BAUMAN, 2001, p.78)

A preocupação que se tem é sobre esse “capitalismo conselheiro”, que disponibiliza múltiplas escolhas, seduz e maquia da melhor forma para seus consumidores. O capitalismo líquido apresenta imagens de personagens que passam uma credibilidade sobre produtos e serviços. Agem para com o comportamento do consumidor, usando efeitos de beleza para entrar em uma “liberdade de consumo” criada em torno de um consumo diferenciado, que nada mais é que a escravidão do consumismo.

> A cobiça liberdade do consumidor é afinal, o direito de escolher “por vontade própria” um propósito e um estilo de vida que a mecânica supra-individual do mercado já definiu e determinou para o consumidor. A liberdade do consumidor significa uma orientação da vida para as mercadorias aprovadas pelo mercado, assim impedindo uma liberdade crucial: a de se libertar do mercado, liberdade que significa tudo menos a escolha entre produtos comerciais padronizados. (BAUMAN, 1999, p.277)

Reconhecendo que estamos nessa orbita da modernidade liquida, uma sociedade controlada que desenvolve mecânicos, estratégias de controlar as massas. Por toda vida somos capturados em sistemas de controle: a família, a escola, o trabalho, o lazer e o capitalismo rizomático. “Não se pensa, não se reflete. Caminha-se de acordo com os demais. Viramos manada. E controlar uma manada é menos trabalhoso do que disciplinar.” (QUEIROZ, 2016, p.6)

Como a escola poderá lutar contra esse poder de “liberdade” maquiado, em uma sociedade controladora. Essa sensação de liberdade que opera nos agenciamentos operacionais de informações torna-se uma modulação da subjetividade e uma problematização da liberdade. O que pode ser considerado no interior das instituições escolares, é a recursa dos padrões, que não seja meramente incondicional, mas que permita uma elaboração de uma crítica, que não pode priva-se da compreensão desse sistema que se está inserido. A escola possibilita a autonomia, o senso crítico, a participação em sociedade, para uma verdadeira liberdade individual.

3 A AVALIAÇÃO POR ESCALA E A ESCOLHA PROFISSIONAL

O Ministério da Educação implantou modelos de avaliações por escala, criadas para o ensino fundamental e médio, e para todos os estados do Brasil. De início seguia os modelos clássico, com provas objetivas, com o tempo foram aperfeiçoando os métodos e aplicações. Tornou-se uma das políticas que mais se consolidou no Brasil, abrangendo vários programas, tais como: o Sistema de Avaliação Educacional de Pernambuco (SAEPE), o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a Prova Brasil, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), entre outros sistemas de avaliação para todos os níveis de ensino. Segundos os especialistas essas avaliações do sistema de ensino poderiam permitir o conhecimento do rendimento escola das crianças e jovens trazendo a compatibilidade em escala. Outros tipos de avaliações começaram a surgir paralelo a avaliação do Saeb, em estados e municípios do Brasil.

Essas avaliações são fórmulas para medir a qualidade do aprendizado Nacional. O Ideb como exemplo, funciona para monitorar e calcular a melhoria da educação, mediante duas etapas: a primeira é medida pela taxa de rendimento escolar (aprovações) e a segunda são as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Inep Prova Brasil, para os municípios e o SAEPE para o estado de Pernambuco.

O ENEM é considerado uma avaliação por escala inserida para o ensino médio, como um exame que segue uma referência teórica construtivista. Foi inserida em 1998, passando a contar como novo instrumento para avaliar a saída dos alunos do ensino médio. Com o tempo passou a ser não apenas como um sistema de avaliação da aprendizagem dos concluintes, mas custeava o ingresso nas universidades federais de ensino superior, substituindo os vestibulares.

O vestibular existe a mais de cem anos no Brasil. Naquela época eram poucas as opções de cursos superiores: medicina, engenharia e direito. O sistema era excludente, só entrava quem cursava um colégio tradicionalista. Ao passar do tempo foram implantadas reformas, o exame era realizado com duas provas, escrita e oral. Com o tempo transformou-se na obrigatória passagem para quem pretendia cursa os poucos cursos que existia.

Em um contexto mais recente os vestibulares de muitas universidades públicas e privadas ocorriam em um ou dois dias de provas objetivas, podendo ou não conter questões discursivas e prova de redação. Geralmente acontecia em duas fases: o candidato passando da primeira fase poderia seguir para a segunda. A concorrência

ocorria por uma vaga no mesmo curso, turno e universidade. Todos esses processos de transformações afetaram consequentemente o ensino médio, sua formulação começou a criar formas para essas provas e processos seletivos do ensino superior.

Portanto, as discussões para os currículos do Ensino Médio precisam ser frequentes, principalmente porque são elementos centrais na atividade educativa e expressam noções, concepções, conceitos, todos os campos que estão ligados à sociedade, educação, ciência e ao ser humano, quando forem elaborados. Existem fenômenos que interferem no currículo realizado, são fatores externos que influência e condiciona a sua efetivação, as avaliações externas a escola. Nessa mesma linha observamos durante longa data que os exames de vestibulares vêm se comportando como principal foco na organização do Ensino Médio, e nesse campo o ENEM vem tomando espaço expressivo.

A avaliação do ENEM passou a tomar como foco o ingresso ao ensino superior, criando três linhas de direção: a primeira o aluno pode optar pela adesão a universidade usando o exame como resultado para o ingresso no ensino superior; a segunda seria o Prouni (Programa Universidade para todos), que tem como objetivo conceder bolsa de estudo para alunos de baixa renda, sendo elas integral ou parcial, é necessário o preenchimento de alguns requisitos, pois o aluno tem que ter estudado todo o ensino médio em rede pública ou rede privada com bolsa integral e não ter diploma de curso superior, sendo também necessário comprovar a renda familiar mensal de 1,5 salário mínimo por pessoa ou 3 salários mínimos por pessoa, para concorrer as bolsas integral ou parcial, respectivamente; e a terceira, o Sisu (Sistema de seleção unificada), do qual é um sistema em que instituições são cadastradas, que tem como objetivo selecionar candidatos as vagas disponíveis pelas universidade públicas. Os interessados devem se inscrever no sistema on-line, acessando as vagas disponíveis, podem escolher até duas opções de curso, por ordem de preferência, instituição, local de oferta, turno e modalidade de concorrência.

Analisando essas três linhas de direção na avaliação do ENEM para o ingresso ao ensino superior, observamos um total espaço de segregação. A ideia que se tem do sistema de opções para a prova do ENEM, são situações apropriadas para “favorecer” a uma classe excluída, ou seja, na verdade o ENEM veio para atender a classe alta de início quanto é a primeira opção de ingresso, em que o aluno escolhe o curso que deseja na universidade, porque atingiu uma nota elevada. Esse fator, sem desmerecer os demais alunos, só permite o ingresso, na maioria dos casos, de alunos oriundos da rede

privada de ensino, fator também que está ligado à precariedade existente no ensino público. Então o que o governo faria para maquiar essa exclusão dos demais alunos? Empurra-los em um sistema que foram supostamente criados para permitir o ingresso de todos no ensino superior, quando na verdade, eleva ainda mais um processo de classificação e divisão das classes. As demais opções criadas, destinada apenas para as pessoas de renda baixa. Portanto, se considerando que não é impossível um aluno da rede pública de ensino, ingressar na universidade de imediato com uma boa nota do ENEM, mas refletindo o escasso no ensino da rede pública, esse sistema vem apenas reforçar, que a opção de escolha não se dar pelo desejo do aluno, mas pelo fato de ser a opção que restou.

Foucault (2011), em seu livro "Vigiar e punir" apresenta que com a emergência da modernidade, entramos em um mecanismo de disciplinamento, onde são utilizados recursos silenciosos de controle de pessoas ou grupos, através de micropoderes, que são manipulados nas instituições sociais. É o que notamos nesse processo, onde as pessoas são levadas como mandadas, não podem optar por não ter escolha, devendo seguir conforme o "padrão" que se é imposto e manipulado pelas classes dominantes.

Figura 4: Avaliação

Fonte: https://edespecialdecar.blogspot.com.br. Acesso em 08/06/2017

O meio social da qual estamos inserido está imerso ao sistema capitalista. O que encontramos nessas avaliações por escalas são espaços de segregação que está totalmente interligado a um sistema político em que a sociedade se encontra, reforçando o acumulo de capitais, na medida em que separa as classes.

Em consonância, esses poderes existentes no ENEM são utilizados para disciplinar os alunos a agir e tomar decisões pré-estabelecidas, pois uma vez que não se

dar espaço para todos, de forma que realmente, esse espaço possa dar acesso e permanência, os alunos são obrigados a tomarem outros caminhos, já estabelecidos para se chegar ao ensino superior.

3.1 Pressões do sistema capitalista no desafio das escolhas pela profissão

Atualmente em nossa sociedade, o mundo do trabalho parece muito incerto. Atravessamos um momento no qual, vivemos sob a ameaça do desemprego e da restruturação das relações formais do trabalho. Por esse motivo, nossos alunos sentem essas incertezas provenientes dessas mudanças, influenciando seus projetos profissionais, acadêmicos e futuros.

A influência na escolha por uma profissão de "sucesso" é muito forte na vida dos educandos, principalmente quando estão no Ensino Médio. Nesta fase os jovens querem buscar algo que realmente se identifiquem para que consigam se realizarem profissionalmente.

Quando crianças sonham com várias profissões, se tem um desejo em ser o que quiser. Quando chegam à fase da adolescência que a realidade é totalmente diferente do que se pensa, são deparados por fatores que influenciam essas escolhas. Os estudantes geralmente são levados a tomar uma decisão, por conta da família, amigos e outros aspectos. Assim como afirma Malacarne "É importante considerar que a escolha profissional está condicionada as mais diferentes influências, entre as quais estão as expectativas educacionais, as perspectivas profissionais da região onde reside e as próprias motivações internas do sujeito." (2007, p.06)

Acabam se privando do seu devir, seguindo a maioria, aquilo que é imposto pela sociedade, Lacaz e Heckert aborda "O devir é, assim, sempre minoritário e todos somos potencialmente minoritários, na medida em que somos também constituídos por suas forças. Minoritário não no sentido de menor quantidade, mas daquilo que difere das hegemonias impostas pelo mundo em que vivemos." (2015, p. 61). É ser arrastado por um caminho que não se deseja, mas que se toma consentimento em segui-lo.

> O devir é o movimento que compõe o momento atual e não algo que se pretende alcançar, que se almeja conseguir, obter, cujo foco está no futuro [...] Isto difere do devir seria o povir, em que há uma intencionalidade movendo-o, identificando-o, o imitar algo ou alguém. (QUEIROZ, 2015, p.174).

O que acontece com os jovens, é que acabam seguindo as perspectivas do capitalismo, desenvolvendo em seu contexto, uma preparação para o mercado de trabalho, e a escola acaba formando os alunos como "mercadoria" em que trará lucro para a economia, sendo colocados no mercado capitalista.

Figura 5: O aluno como mercadoria do sistema capitalista.

Fonte: http://www.sinpronorte.org.br/educacao-infantil-capitalismo-e-valorizacao. Acesso em 14/06/2017.

Muitos levam em consideração estes aspectos de seguir os caminhos conforme o que a sociedade apresenta ou a própria família, e em consequência acaba causando frustrações profundas, em relação à profissão, visto que à escolha não se dar de uma hora para outra, pois compreende uma etapa fundamental na vida, sendo preciso uma análise de todo um procedimento, principalmente faze-lo de acordo com a afinidade de cada sujeito, trazendo um vínculo com a escolha profissional.

Além das dúvidas em optar por determinada área, os jovens sentem ainda muita pressão vinda da sociedade, pois enaltece o "sucesso" e as condições financeiras como principal objetivo da profissão, não consideram os desejos e identificação deles, mas sim seguir as necessidades da sociedade, que ver os jovens como "produto", para atender a imposição colocada pelo mercado de trabalho.

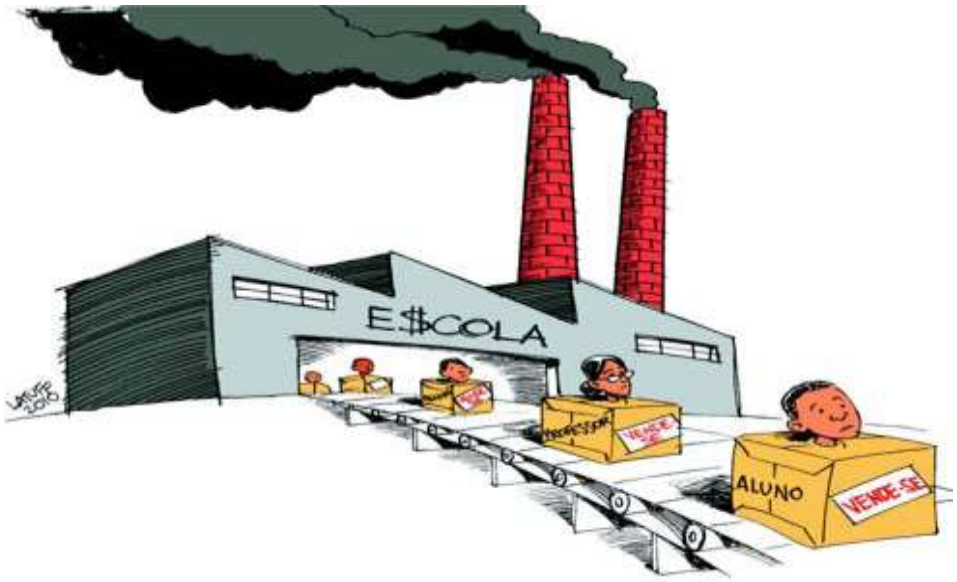

Figura 6: O lucro educacional.

Fonte: http://pstucriciuma.wixsite.com/pstucriciuma/single-post/2015/08/26/Educa%C3%A7%C3%A3o-como-mercadoria-o-lucro-educacional-como-regra-do-capitalismo. Acesso em 12/06/2017

O forte avanço da globalização acaba mudando as regras, a escola acaba transformando-se e criando padrões para formação dos estudantes como produtos das necessidades do mercado, criando uma competitividade, forçando os estudantes a tomarem um perfil adequado as exigências do capitalismo.

> Servir ao capital tem sido, sob esse aspecto, o grande erro da escola básica, cujas funções têm sido subsumidas pela preocupação de como levar os alunos a um trabalho futuro. A situação seria diversa, é lógico, se ela o fizesse de uma forma crítica, de tal sorte que os educandos fossem instrumentalizados intelectualmente para a superação da atual organização social que favorece o trabalho alienado. (PARO, 1999, p.9)

Assim, a escola não deve preparar para o mercado, pois precisa arrancar das mãos do capitalismo, seus proposito para uma educação crítica, que ela contribua para uma formação de indivíduos que participem politicamente, provendo a transformação na sociedade. Sendo assim a escola assume sua forma efetiva, como elemento necessário para o intelectual e moral.

"Para que os modos de produção obtivessem sucesso, era preciso "produzir" o perfil do trabalhador adequado às atividades. Dessa forma, a escola se adequava às exigências do mundo do trabalho organizado, a fim de assegurar a disciplina necessária à vida social e produtiva." (ALVES, 2011. p.6, grifo do autor)

O que acontece é que as decorrentes informações, ou seja, as desinformações que chegam aos jovens a respeito de algumas profissões acabam induzindo as escolham.

Se de um lado são “exaltados” cursos que trarão um bom rendimento financeiro e um *status*, por outro, são “rebaixados” alguns cursos que não tem um rendimento financeiro. Por exemplo, o curso de medicina é considerado uma das melhores oportunidades, pois os rendimentos financeiros serão maiores, já o curso de professor, existe a desvalorização e a desmotivação por parte da própria sociedade, isso mostra que o sucesso financeiro não será atingido. Na cabeça dos alunos acaba criando opções em que o “sucesso” profissional será garantido se optar por aquele que são “exaltados” pela sociedade.

Contudo, “não se deve subjetivar a educação como forma de propiciar aos alunos, principalmente das escolas públicas, melhores condições de adaptação ao meio” (ALVES, 2011, p.8), embora a educação seja atualmente uma preparação para habilidades e adaptações ao mercado de trabalho, ela deve proporcionar a compreensão da realidade e uma reflexão do meio em que se vive para sim transforma-la. A escola assume uma grande responsabilidade social. “Sendo o local onde se dá (ou deveria dar-se) a educação sistematizada, a escola participa da divisão social do trabalho, objetivando prover os indivíduos de elementos culturais necessário para viver na sociedade a que pertence.” (PARO, 1999, p.7)

É a escola criar paradigmas, para saber trabalhar esses modelos de relação entre a educação e capitalismo,

> Precisa saber adotar como base um novo conceito de qualificação profissional, não mais pautado em habilidades especificas, típicas de uma determinada ocupação, mas sim numa base de educação geral, sólida e ampla, que permita ao indivíduo não só acompanhar as mudanças nos processos produtivos, mas perceber-se como parte dele e da sociedade. (ALVES, 2011, p.7)

Cabe ressaltar que a mudança dessa realidade é extremamente importante, e acontece na educação. A escola assumir sua função social, promovendo a mudança na sociedade, uma ação política transformadora, a partir dos educandos, percebendo que o aluno não é “produto” do mercado e a escola não é “indústria”. A relação existente deve ser para reflexão, socialização e construção de sujeitos críticos e participativos na sociedade sem nenhuma forma de restrição de sua participação.

A visão que se predomina na sociedade em relação a educação no Ensino Médio, é a ideia de que é necessária uma preparação dos alunos para vida e, em consequência se mantem o foco na necessidade de uma formação voltadas para

competências genéricas e flexíveis, preparando os estudantes para se adequarem as exigências do mercado de trabalho, na perspectiva da empregabilidade.

Existe a necessidade de discutir no Ensino médio, que o profissionalismo[2] é uma possibilidade para quem está inserido no mercado de trabalho, não o tratando como uma redução e completando com os conhecimentos, mas permitindo que a escola supere esse conhecimento precário ou a inclusão de uma política que garanta a permanência desses jovens, a fim de atender as necessidades dos que vivem do trabalho.

Segundo Garcia (2014, p.58)

> A inversão da qual não se pode abrir mão é que o Ensino Médio esteja centrado nas pessoas, nas juventudes, não tendo, portanto, o mercado de trabalho como foco. Não são sujeitos abstratos e isolados, mas sujeitos singulares cujo projeto de vida se constrói pelas múltiplas relações sociais, na perspectiva da emancipação humana. É necessária que a identidade do Ensino Médio se fortaleça como última etapa da Educação Básica, como um projeto unitário, garantindo o direito ao acesso aos conhecimentos social e historicamente construídos [...] a formação de todos como sujeitos de direitos no momento em que cursam o Ensino Médio.

Nas formas do sistema capitalista, os alunos do Ensino Médio são levados a tomarem as decisões mediantes fatores não de desejo, mas conforme, a situação econômica da família, o ambiente cultural em que está envolvido. Ou seja, muitas decisões após essa fase acontece da seguinte forma: o aluno vive com a família com uma renda em média de um a dois salários mínimos, a realidade em que ele se encontra, proporcionará a ela uma decisão que não tem relação com o seu desejo, escolhe primeiro estar em um vínculo empregatício para ajudar a complementar a renda familiar e depois pensar na universidade. Outro exemplo é um aluno onde a família tem um laço de geração votada para a medicina, ou vive em uma renda média ou alta, onde não necessita de um complemento na renda, dificilmente esse aluno irá optar em trabalhar ao invés de ingressar na universidade, porque a família pode custear suas despesas.

Enfim, para consolidar a mudança na escola é preciso que os educadores, que são o que estão à frente dessa luta, possam tomar conhecimento e querer tomar voz, para que os educandos não sejam tratados como apenas trabalhadores e sim futuros sujeitos críticos e participativos na construção de sua história. E transformar a educação em uma ação política e um passo satisfatório para essa mudança.

---

[2] Significado de profissionalismo: Procedimento característico dos profissionais. Conjunto de profissionais. (Disponível em: https://www.dicio.com.br/profissionalismo/)

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, visto que existiu a investigação no campo buscando compreender e/ou levantar discussões sobre o fenômeno em estudo, a partir da perspectiva das pessoas nela envolvidas. O objetivo de investigação da pesquisa é analisar quais os desafios e concepções enfrentados pelos alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola da região, diante das pressões da sociedade e quais escolhas tomam após essa fase.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede Estadual de Ensino de Pernambuco, na cidade de Caruaru. A escolha da escola se deu pelo fato da mesma já ter sido usada para estágios, intervenções com projetos de jogos matemáticos em sala de aula e por tratar-se de uma escola da comunidade onde existe o conhecimento com os alunos e a realidade que estão inseridos.

Foram apresentados à equipe gestora da escola e a coordenadora educativa, o projeto de pesquisa, objetivando quais interesses que pretendíamos chegar ao realizar a pesquisa. Após a autorização, foram agendado o dia e os horários para fazer o contato com as duas turmas do 3º ano do Ensino Médio indicada para a pesquisa. A turma era composta por 40 alunos no turno matutino e 25 no turno vespertino.

No primeiro momento conforme o dia agendado foi realizado um contato pessoal com as turmas com a finalidade de apresentar verbalmente aos alunos os objetivos da pesquisa. Em segundo momento, após a exposição, os alunos foram informados que se tratava de uma pesquisa de conclusão de curso e que os dados coletados são sigilosos e suas identidades seriam utilizadas apenas para fins da pesquisa sem expor nenhum nome na referida pesquisa.

Na realização da pesquisa e para obtenção de nossos dados usamos a seguinte ferramenta: Um questionário composto por 8 questões.

Na primeira questão perguntamos o nome do aluno com finalidade de identificar o sexo dos alunos. Na segunda questão verificamos o nível de participação.

2. Qual o seu nível de participação das aulas?

( ) sempre participo ( ) às vezes participo ( ) nunca participo

Na terceira, verificar o que o aluno pretendia fazer quando concluísse o ensino médio. Trata-se de uma questão que dar o início das discursões que pretendíamos obter com o questionário.

3. O que você pretende fazer ao terminar o Ensino Médio?

( ) ENEM. Qual curso? ( ) Trabalhar. Em quê? ( ) Curso Técnico. Qual?

( )Ainda não sei ( )Outros. O que?

Na quarta, tentamos compreender o "por que" da escolha da questão anterior.

4. Justifique o motivo pelo qual escolheu uma das opções anteriores?

Na quinta questão, buscamos identificar se os alunos foram subjetivados por alguém que admirava para ter escolhido o que pretendia fazer após essa fase. Se existia essa relação de influência pela profissão que iria escolher.

5. Indique uma pessoa que você admira? Qual a profissão dele (a)?

Na sexta, buscamos analisar as preferências pelas disciplinas, o interesse em estudar determinadas disciplinas e justificar esse interesse, nos permitindo um aprofundamento sobre a compreensão dos conteúdos, na relação com o professor e sua metodologia e principalmente por ser o que os alunos querem ou gostam de estudar.

6. Quais as disciplinas que você acha mais interessante? Por quê?

Na sétima, trata-se da reflexão de como os alunos vivem fora da escola, quais as atividades que gostam de fazer, se são controlados pelas tecnologias, e se as atividades que realizam são isoladas ou tem a participação de outras pessoas.

7. O que você mais gosta de fazer quando não está na escola?

Na oitava e última questão, buscamos verificar como os alunos encaram a avaliação do ENEM e sua opinião sobre esse único meio para um curso superior.

8. O que você acha da prova do ENEM como meio para o ingresso nas Universidades?

Como podemos observar a 2ª e 3ª questões de múltiplas escolhas, com a finalidade de identificar a participação do aluno nas aulas e suas pretensões ao terminar o ensino médio. A 4ª até a 8ª questões foram elaboradas a fim de identificar e traçar um perfil do aluno. As turmas escolhidas foram os dois 3º anos que a escola tem, um pela manhã e o outro a tarde. Essa seleção se deu pelo fato de ser nesse período escolar, o último ano da educação básica, onde os alunos ficam mais inquietos em relação às quais decisões iram tomar quando sair da escola.

O professor que estava presente durante a aplicação tanto pela manhã como a tarde nos acolheu muito bem e abriram mão do seu tempo em sala para que pudéssemos aplicar o questionário.

Para identificar as falas dos alunos nos estudos e análises de suas respostas, e não expô-los classificamos em aleatório com duas letras a primeira representada com as

letras do alfabeto e a segunda se o aluno pertencesse a turma da manhã com “M”, se pertencesse à tarde “T”.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados obtidos pelos participantes são analisados através das respostas dadas pelos mesmos, por parte do questionário. No dia da aplicação, na turma da manhã estavam presentes 16 alunos (57%) e a turma da tarde, 12 (43%) alunos. O questionário foi realizado com 28 alunos do ensino Médio. Nas primeiras questões obtivemos os seguintes dados: Sobre o sexo dos alunos, quatorze (50%) do sexo feminino e treze (46%) do sexo masculino. Um aluno (0,4%) não respondeu a esse item. Sobre o nível de participação, dezesseis (57%) dos alunos participa, onze (39%) dos alunos às vezes participa, zero (0%) dos alunos nunca participa e um (0,4%) dos alunos não respondeu. Nessa opção levamos em consideração que mesmo os alunos respondendo, existe a omissão das respostas, talvez o aluno não participe da aula, mas devido a pesquisa seja influenciado a marca que sim.

Nessa perspectiva partiremos para nossa análise dos dados recolhido e dividiremos à em duas etapas.

1ª etapa: O diagnóstico

Em primeiro momento, analisamos as preferências em determinadas disciplinas (questão 6), na opinião dos alunos, que eram consideradas mais interessantes. Visto que muitos alunos indicaram mais de uma resposta. Através dos resultados obtidos, foi possível constatar que a maioria escolheu português (19%) e biologia (19%), seguido de história (11%), inglês (10%), matemática (8%), sociologia, filosofia e geografia (7%), educação física e química (4%), literatura (3%) e física (1%), conforme figura 7.

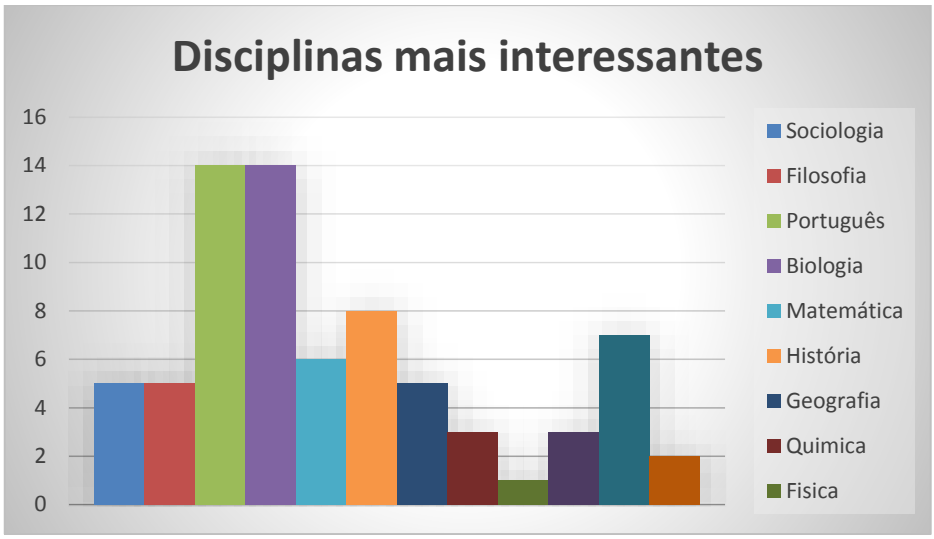

Figura 7: Disciplinas mais interessantes.

Fonte: O autor, 2017.

Pode-se perceber que as disciplinas escolhidas como mais interessantes são diferentes entre si, pois o que se estuda em português está distante do que se relaciona com biologia, em questão de conteúdo. Outro item que chama a atenção é o fato de apenas um aluno se interessar pela disciplina de física. Vem nos levantar a questão do por que esse resultado? Embora não tenham sido questionados, refletimos sobre a postura do professor, sua metodologia, entre outros aspectos. Refletimos ainda sobre as preferências daquelas disciplinas, foi questionado o "por que", os participantes, escolheram aquelas áreas de conhecimento. Como as respostas eram abertas, aproximamos os dados para uma organização das ideias. Assim, obteve os seguintes resultados: não indicou o "por que" (29%), facilidade de compreensão e utilização no dia a dia (50%), não são das áreas exatas (11%), não sabia "por que" achava interessante (3%) e reflexão (7%).

Como ficou evidente através dos resultados, a maioria diz acha mais interessante devido às habilidades e facilidades, ou seja, no sentido da utilização dessas áreas no dia a dia e a facilidade que se tem em aprende-las, assim como foi relatado pelo aluno HM "pois são as que mais fazem parte do meu cotidiano", pelo aluno TT "porque são matérias que abrange diversos casos no dia a dia do ser humano" e aluno JM "porque eu tenho mais facilidade, e acho mais interessante".

Outra questão traz a reflexão sobre o não indicar e o não saber. Ambos somados tiveram 32% dos alunos. O que nos levam a pensar o "por que" dos alunos não relacionar o interesse por essas disciplinas. Será que a obrigação em cursa todas essas disciplinas, fazem tomar uma decisão de colocar algumas como interesse, e a relação

professor/aluno ajudam nessa afinidade ou o conhecimento compreende-se como uma necessidade deste ou daquele conteúdo? Podemos também interlaçar sobre a resposta "não é de exatas", quando o aluno aborda que gosta de determinadas disciplinas porque não são de exatas. O que leva o aluno a ir de encontro com a área de exatas? Seria também a relação professor/aluno, a metodologia ou o bloqueio que os alunos têm em relação aos cálculos, mais preciso a matemática, por achar difícil e "chata".

Tal relação de interesse parte muitas vezes pela boa comunicação entre professor e aluno, que caracteriza a motivação por intermédio do professor, que se utiliza dele para colocar o aluno no envolvimento de forma que o aluno desenvolva valores e atitudes, podendo também participar da sua construção do conhecimento.

Em segundo momento e final dessa etapa, analisamos as atividades vividas pelos alunos fora da escola, ou seja, o que mais gosta de fazer quando não está na escola (questão 7). Considerando que por também se tratar de uma questão aberta os alunos, citaram mais de uma atividade que gosta de fazer quando não está na escola. Na obtenção das perguntas tivemos: 75% dos alunos realizam atividades isoladas e 25% dos alunos realizam atividades em grupo. Entre as atividades isoladas destacam-se, assistir, ler, dormir e a internet e das atividades em grupo, estar conversa com os amigos e sair com a família. Mesmo observando que os alunos que colocaram, conversa com os amigos, e sendo considerado como atividade em grupo, podemos levantar a reflexão, que mesmo escolhido está atividade, podemos pensar que está conversa pode acontece virtualmente, o que acontece que aumenta o percentual de isolamentos dos estudantes.

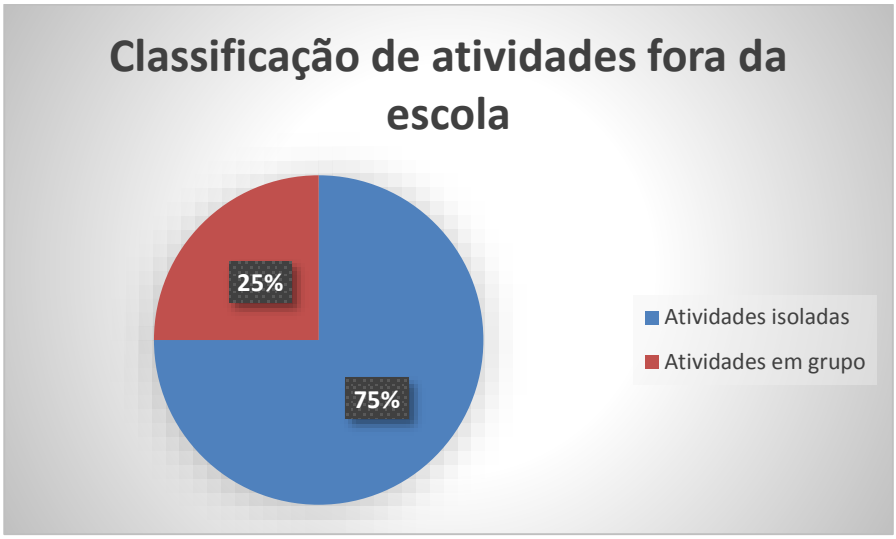

Figura 8: Classificação de atividades fora da escola.

Fonte: O autor, 2017.

O que se observa nessa questão é o quanto os jovens vêm se isolando da sociedade “alguém que esteja se movendo devagar na neblina de seu próprio self deixa de ser capaz de notar que esse isolamento, esse confinamento solitário do ego, é uma sentença da massa” (BAUMAN, 2008, p.69), assim como foi citado nesse trabalho, o educando vive um momento histórico na sociedade é o acumulo desenfreado de tecnologias digitais, que vem afastando as pessoas do convívio social. A sociedade líquida que necessita está conectado, a sociedade que comunica que vai dormir, que está doente, que está em uma festa. É a sociedade que difere da participação em conjunto. O que considera o mundo online mais fáceis e menos arriscados. Nele você pode se desconectar a qualquer momento sem explicação, sem culpa. Isso causa uma perca, pois não se cria mais habilidades necessárias para as relações de confiança. O problema é que as pessoas estão se isolando desses inconvenientes e estão se desconectando com as pessoas ao seu redor.

Agora partiremos para a parte fundamental dessa pesquisa a análise das escolhas dos alunos diante de fatores que o influenciaram a tomar essa decisão.

2ª etapa: A escolha

Primeiramente estamos analisamos a questão 3 “O que pretende fazer ao terminar o Ensino Médio?”, da respostas, considerando que alguns alunos optaram por mais de uma opção, dividimos e obtemos as seguintes respostas: alunos que optaram apenas pelo ENEM (50%), ENEM e trabalhar (14%), Curso Técnico (7%), ENEM e outros (7%), ENEM e Curso Técnico (4%), Trabalhar (4%), Não sei (14%).

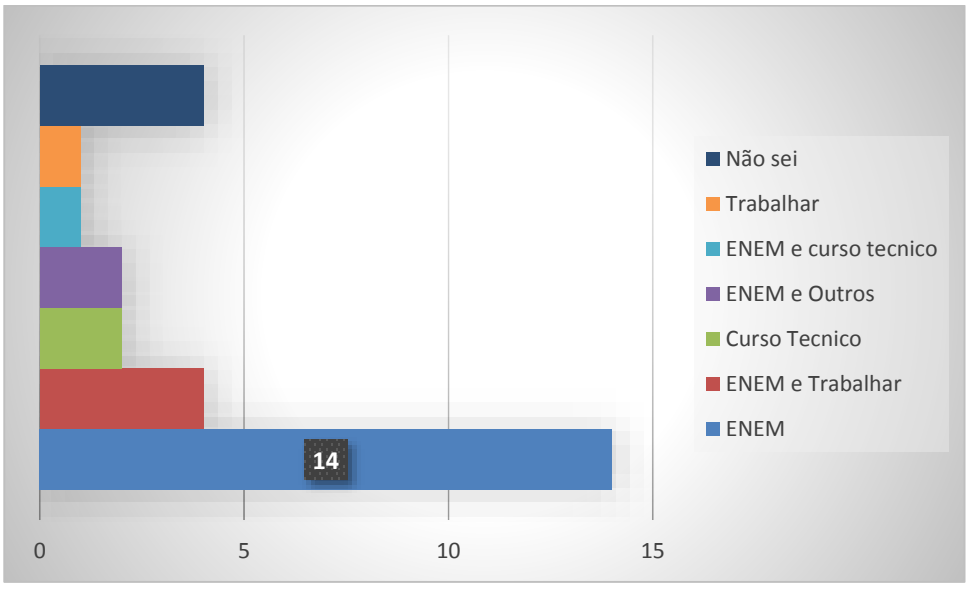

Figura 9: Pretensão do que fazer ao terminar o Ensino Médio.

Fonte: O autor, 2017.

Hoje, a escolha por uma carreira é retida por uma cultura social. Verificou-se que grande parte dos alunos ainda prefere seguir carreiras de maior prestígio social. Curso como direito ocupa (32%) dos cursos mais citados pelos educadores (figura 10). Contudo nesta pesquisa percebeu-se pouca importância na carreira de medicina. Isso pode ser explicado pela dificuldade de aceso que existe nesse curso pelo ENEM, já que na cidade também só possui uma universidade que oferece e foi implantada a pouco tempo.

O que chama a atenção é a questão do curso técnico e do trabalho, é o que se vem desenvolvendo em toda a pesquisa, a questão de se manter estruturado financeiramente preocupa 29% dos alunos que responderam ao questionário, assim como fala o aluno ST "com o curso técnico logo depois posso trabalhar" e o aluno OM "porque eu quero ser independente".

Outra razão pela qual se decide trabalhar ou fazer um curso técnico está relacionada a fatores como a preocupação com a profissionalização, ou seja, o indivíduo procura adquirir novos conhecimentos para se adequar ao mercado de trabalho ou se manter nele com medo das situações financeiras ficarem ruins.

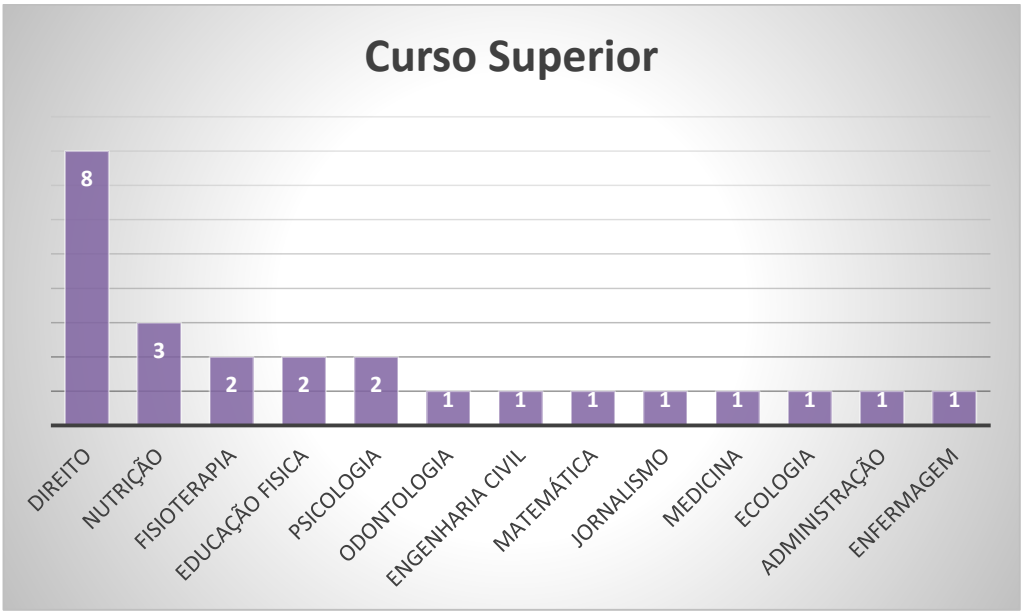

Figura 10: Preferência no curso superior.

Fonte: O autor, 2017.

Indagados sobre o "motivo da escolha" disseram que optaram por determinada preferência por questões de identificação, sonho, gosto, futuro, família, interesse. O que

nos faz levantar as questões, “O que está ou quem estar por trás dessa escolha?”, “Existe fatores no dia a dia que o faz tomar essa decisão?”.

Partimos para a questão “indique uma pessoa que admira”. Dentre elas obtivemos, família (53%), profissionais da saúde (18%), profissionais da educação (7%), pessoas famosas (11%), não admira ou não indicou (11%). Diante das respostas, observamos a família como fator importante e de grandes influências sobre os jovens. A família aparece como importante na escolha da carreira, mas sua opinião e expectativa devem ser analisadas, pois, alguns membros da família querem que os jovens tomem decisões, sem levar em consideração os desejos deles, e acabam influenciando na escolha. Acabam frustrando-os e colocando-os divididos entre a profissão que a família quer e a que eles almejam.

Analisamos que a opção de curso pode também está relacionada a uma pessoa admirada pelo sujeito. Observamos que 22% dos alunos apresentaram essa relação. O aluno GM escolheu o curso de Direito e a pessoa admirada “meu primo, advogado” e o aluno HM que pretende fazer educação física, pratica esportes e quando situa a pessoa admirada “Felipe Franco, educador físico e fisiculturista.” A relação está envolvida em uma questão de afinidade com a pessoa admirando e com o cotidiano do aluno.

Um fator que chamou atenção foram 14% dos alunos ainda não sabem o que iam fazer. Nota-se nas respostas dos alunos “porque ainda vou ver as opções de cursos fornecidos e escolher aqui mais me agrada” (aluno EM) e outro aluno QM “eu escolhi essa opção porque eu já trabalho pra mim mesma”. Investigamos na fala desse aluno, que já está inserido no mercado de trabalho, não tem uma visão de futuro, voltada para o ensino superior. “Toda a vida dos membros das camadas trabalhadoras, desde a infância, é preenchida por preocupações a respeito do trabalho alienado que está desenvolvendo ou vai desenvolver no futuro” (PARO, 1999, p.9)

É essencial que os educadores e a família saibam orientar seus alunos em uma escolha profissional, não no sentido de indicação ou teste de vocação, mas sim trazer uma reflexão acerca dos determinantes pessoais e sociais das opções profissionais, afim de que este possa coloca na inserção crítica e consciente dos educandos em meio a escolha do curso e o mundo do trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo, com essa pesquisa foi de investigar os aspectos que influência e pressões vividas pelos jovens do 3º ano do ensino médio, da rede pública de ensino, diante das escolhas que tomaram após essa fase. Além disso, foi pretendido identificar o nível de decisão dos alunos relacionando, a influência da família, da sociedade capitalista e do desejo do aluno. Conhecer os sentimentos envolvidos nesse processo, os aspectos de participação desses sujeitos na sociedade e a expectativa para o futuro profissional.

Não existe dúvida que a escolha em absoluto, é de grande importância na decisão profissional, pois é uma etapa na vida dos jovens. Na maioria das vezes as famílias tentam forçar uma escolha profissional para os filhos, por considerarem ser a melhor maneira de garantir um futuro seguro e propício. No entanto, para os jovens, mais importante que essa segurança para o futuro, seria o apoio da família, nessa fase de desafios e dúvidas.

Esse apoio adjunto a escola, prepararia para a escolha profissional, e que essa escolha se daria de forma equilibrada, que as posições "você deveria seguir essa carreira" ou "esse curso atende sua vocação", se restringissem ao auxílio para que os alunos cheguem ao momento da escolham sabendo o que querem e desejam para o futuro, pois a decisão é individual e somente eles são capazes de decidir o caminho que querem seguir.

Outro fator importante é a escola desenvolver o senso crítico e participativo do aluno. A partir do estudo dessa pesquisa chegamos a um desfecho que a grande maioria dos alunos tem a noção da necessidade de se ter uma qualificação mesmo sendo feito de forma segregada, geram um objetivo em comum que é cursa uma universidade, através do ENEM como porta fundamental, mesmo resultante de uma experiência excludente de avaliação. Percebemos também que ainda existe uma influência muito grande da divisão técnica do trabalho e da necessidade de cursos técnicos, reforçando nossos objetivos da influência do sistema capitalista que impõe aos jovens a necessidade do mercado de trabalho de forma maquiada, para que as pessoas sejam instigadas a tomarem determinadas decisões mesmo sem desejar, mas por questões financeiras.

Diante dessa pressão do sistema capitalista, a escolha dos sujeitos só pode ser feita diante das possibilidades, dividida por classes, que impõe determinadas escolhas, seguindo o que é oferecido pelo mercado de trabalho. No entanto, os sonhos, os ideais,

não são levados em considerações, já que a subjetividade é negada pela sobrevivência, que sofre a influência do mundo capitalista, que impossibilita a vida pretendida. Da mesma forma, lutar por melhores condições, um sonho profissional é o sujeito se impor em um mundo de contradições. Além disso, a imagem do hiperativismo sócio-virtual na escola, acaba dificultando esse processo, uma vez que, os professores não conseguem acompanha o mundo dos estudantes. Eles vivem o excesso de informações que os faz não desejar está na escola, pois podem "aprender" sozinho

Os adolescentes devem ser preparados para enfrentar todas essas imposições. Os processos produtivos e a análise da nova reforma para o ensino médio, traz ainda mais uma forma de segregação da educação. Nela os alunos podem optar por uma modalidade de formação acadêmica ou técnica profissional. O que acontece é que com essa reforma acaba dividindo ainda mais os alunos entre os que terão acesso ao ensino qualificado e aqueles que vão ter acesso ao ensino de baixa qualidade.

A reforma do ensino médio pretende minimizar a formação básica e impossibilita o pensamento crítico dos alunos. É notável a influência da mídia sobre uma forma ingênua de colocar para os jovens que eles podem "escolher" que farão do ensino médio a preparação para o futuro que tanto sonharam. Quando na verdade é a uma maneira de tornar a formação dos jovens ainda mais abaladas. A escola passa por momentos de mutação que lhe priva o direito de formar indivíduos críticos. Pois a "liberdade da escolha" acaba se tornando a divisão das classes econômicas, onde os alunos de baixa renda seguem em carreiras de subdesemprego e os de classe alta, oriundos geralmente de escola privada, destinam-se aos estudos nas áreas que desejam.

A melhor maneira não é abandonar o sujeito à deriva com suas decisões, nem instigar a respostas prontas e imediatas às incertezas. O processo coincide em ensina-los a procurar alternativas, fortalece-las, e principalmente, se sentir seguro na decisão, para que o medo da incerteza não interfira no futuro. No entanto, não existe "certo" ou "errado" mais um caminho a ser construído.

REFERÊNCIAS

ABREU, Guida. A Matemática na Vida versus na Escola: Uma questão de cognição situada ou de identidade sociais? In: **Revista, Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 11 n. 2, pp. 085-093, maio-ago 1995.

ALMEIDA, Laura I. M. V.; DARSIE, Marta M. P. **Concepções de professores em avaliação e educação matemática: "Encontro e Desencontros."** EDUCERE – Congresso Nacional de Educação IX, 2009, Paraná. Anais... Disponível em: http://educere.pucpr.br/p29/anais.html?tipo=2&titulo. Acesso em: 19 set. 2016.

ALVES, Flávia B. B. A relação entre educação e capitalismo: o aluno como "produto" da "indústria" escola. In: **Revista Eletrônica da faculdade Metodista Granbery**, vol.1, núm.10, p. 2 – 10, jan/jun, 2011.

BAUMAN, Z. **44 Cartas do mundo líquido moderno.** Editora Zahar, 2011.

_____. **Modernidade Líquida**. Editora Zahar, 2001.

_____. **Sociedade Individualizada.** Vidas contadas e histórias vividas. Editora Zahar, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio).** Parte I – Bases Legais. 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2016.

CASTRO, Maria H. G. A consolidação da Política de Avaliação da Educação Básica no Brasil. In**: Revista Meta: Avaliação**, vol.1, núm.3, set/dez, 2009. P. 271 – 296,

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael R. P.; RIBEIRO, Elisa A. A técnica do questionário na pesquisa educacional. In: **Revista, Evidências:** olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá, v.7, n. 7, p.251-266, 2011.

COSTA, Marisa V. Imagens do consumismo na Escola – A produtividade da cultura visual. In: **Instrumento:** Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, jul./dez. 2012.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1990.

_____. **Proust e os signos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

EVANGELISTA, Aline T. O. A formação do professor e a formação do professor que ensina matemática. In: **Revista, Evidências:** olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá, v.7, n. 7, p.187-216, 2011.

FARIAS, Fabiana; LIMA, Iranete. A preparação do aluno do Ensino Médio para o ingresso no Ensino Superior: Que conhecimentos Matemáticos? X ENEM – X Encontro Nacional de Educação Matemática, 2010, Salvador. **Anais...** Disponível em: http://www.gente.eti.br/lematec/CDS/ENEM10/artigos/CC/T11_CC1446.pdf. Acesso em: 10 jan. 2016.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir:** História da violência nas prisões. 39 ed. Tradução R. Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GARCIA, S.R.O. Ensino Médio e Educação profissional: breve histórico a partir da LDBEN nº 9394/96. In: AZEVEDO, J.C.; REIS, J.T. **O Ensino Médio e o desafio da experiência** – Movimentos da prática. São Paulo. Fundação Santillana: Moderna, 2014.

GATTI, Bernardete A. Avaliação educacional no Brasil: pontuando uma história de ações. In: **EccoS Revista Científica**, vol. 4, núm. 1, junho, 2002, pp. 17 – 41. Universidade Nove de Julho. São Paulo, Brasil.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas, São Paulo, 2008.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica Cartografia do desejo**. 4. ed. Editora Vozes, Petrópolis, 1996.

HOURDAKIS, Antoine. **Aristóteles e a Educação**. 3. ed. Editora Loyola, São Paulo, Brasil, 2001.

JÚNIOR, Álvaro F. B.; FERES, Nazir J. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. In: **Revista, Evidências:** olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá, v.7, n. 7, p.237-250, 2011.

KARNAL, Leandro. Dez mandamentos do professor. In: **Revista Pazes**. Fev. 2016. Disponível em: <http://www.revistapazes.com/dez-mandamentos-professor/>. Acesso em: 15 ago. 2017.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia:** o paradoxo de aprender e ensinar (Coleção Ensino de Filosofia)**.** Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2009.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **RBE** Jan/Fev/Mar/Abril. 2002. N.19.

MACHADO, I. F. S. **Formação continuada de professores que ensinam matemática.** 2009. 101f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC, Joaçaba, 2009.

PAIVA, Ana M. S.; SÁ, Ilydio P. Educação matemática crítica e práticas pedagógicas. In: **Revista Iberoamericana de Educación.** ISSN: 1681-5653, nº 55/2 – 15/03/2011, p.1-7.

PARO, Vitor Henrique. **Parem de preparar para o trabalho!!!** Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. São Paulo, 1999.

QUEIROZ, S. M. A Educação em meio ao hiperativismosócio-cultural do mundo líquido. In: XII Encontro Nacional de Educação Matemática, 2016, São Paulo. **XII Encontro Nacional de Educação Matemática.** São Paulo: SBEM, 2016. v. 12. Disponível em: http://www.sbem.com.br/enem2016/anais/pdf/6123_2473_ID.pdf. Acesso em: 28 jan. 2016.

_____. **Movimentos que permeiam o devir professor de matemática de alguns licenciados**. 2015. 208f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2015.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. In: **Revista, Evidências:** olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n.04, p. 129 – 148, maio de 2008.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental:** Transformações Contemporâneas do Desejo. 2ª reimpressão. Editora Sulina, Porto Alegre, 2011.

_____. **Toxicômanos de identidade subjetividade em tempo de globalização.** Reelaboração de artigo publicado no caderno "Mais!" da Folha de São Paulo, 19/05/1996. Disponível em: http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf. Acesso em: 17 out. 2016.